

SINDICATO DO ABC CEDE À COMUNICAÇÃO CONSERVADORA

Bruno FUSER
Professor no curso de Jornalismo da
PUC-Campinas

RESUMO

Este artigo apresenta e discute as propostas de comunicação defendidas pelo Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, a partir de pesquisa bibliográfica e de campo que efetuamos em 1997, que inclui análise de 61 edições da Tribuna Metalúrgica, as 18 edições da revista Ligação, além de entrevistas com integrantes de Comissões de Fábrica de indústrias metalúrgicas de São Bernardo e Diadema.¹ Apesar de seu discurso inicialmente transformador, em termos de política de comunicação - em que se destacam a proposta de um Conselho Editorial, com participação aberta a trabalhadores, e uma pluralidade de assuntos tratados, ao contrário do que normalmente acontece na comunicação sindical, em especial na revista Ligação -, o que se verificou alguns anos depois foi o abandono desse posicionamento, que deu lugar a uma estrutura centralizada e a um conteúdo definido não em função da categoria, mas da diretoria da entidade.

Palavras-chave: Sindicato. Comunicação. Jornalismo Comunitário.

ABSTRACT

*This article presents and discusses the communication proposal defended by ABC metallurgic Union, using as reference the bibliographical search and field research done in 1997. It includes analyses of the 61 editions of Tribuna Metalúrgica, and 18 editions of the magazine Ligações, as well as interviews with the members of Factory Counsels from the São Bernardo and Diadema metallurgic industries. Despite their initially transforming discourse, in terms of political communication, what could be observed a few years later was the abandoning of such a position, and giving placeto centralized structure and definite contents not towards a category, but to an entity directory. In such politics a proposal of an Editorial Board, with the open participation of the workers, and a plurality of subjects being dealt, in opposition to what normally occurs in the Union communication, especially in the magazine **Ligação** can be observed.*

Key-words: Working union. Communication. Communitary Journalism.

O PROJETO IMPRENSA

Em 1990, foi produzido pelo Departamento de Imprensa o *Projeto Imprensa*, documento que, até hoje, melhor sistematiza a política de comunicação que o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC desenvolveu até aquela data e que, em tese, tinha por expectativa implementar. Este artigo irá apresentar essas propostas e discuti-las à luz de pesquisa que foi efetuada em 1997, com base da análise de 61 edições da *Tribuna Metalúrgica*, principal órgão informativo do Sindicato, e da revista *Ligação*, periódico que trouxe de várias maneiras inovações na comunicação sindical da entidade. Outro referencial sobre a política de comunicação da organização é a entrevista dada por um dos coordenadores do setor de Comunicação do Sindicato, Celso Horta, dois anos depois da

Sindicato do ABC cede à comunicação conservadora

elaboração do *Projeto Imprensa*, a pesquisadores do Cebela, em trabalho coordenado pela Profa. Dra. Maria Nazareth Ferreira.²

Um dos aspectos que consideramos essencial no *Projeto Imprensa* é a proposta de criação de um Conselho Editorial, com os objetivos de, como afirma, “democratizar a comunicação” do Sindicato, servir de “canal de integração entre a base e a entidade sindical” e “deliberar sobre a linha editorial das publicações do Sindicato, seguindo os princípios e as orientações da CUT”. Ou seja, pretendia-se - pois a proposta não foi avante, apesar de algumas tentativas de viabilização - realizar, em princípio, uma comunicação horizontal e interativa.³ Evidentemente, se a proposta surge é porque se reconhece a ausência de vínculo mais estreito, melhor relatada pelo mesmo Celso Horta na sua entrevista.

O Conselho seria composto por 16 trabalhadores da base, além de representantes da diretoria, dos departamentos de Formação e Cultura, Saúde, Dieese, Jurídico e Imprensa, todos indicados em seminário específico e submetidos a assembléia da categoria. O 1º Seminário de Imprensa, quando se começou a aprofundar a idéia de formação do Conselho Editorial - decisão do 5º Congresso dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema -, foi realizado em 12 de agosto de 1989. Três anos depois, comenta Celso Horta:

“É também uma coisa que já faz parte dessa fase mais atual, que na verdade tá começando a andar, primeiras discussões, semana passada, por exemplo, nós tivemos uma iniciativa de trazê-los [os integrantes do Conselho Editorial] aqui para ver como é que funciona, quer dizer, nós estamos ainda começando”.

Em nenhum outro momento - nas edições da revista *Ligação*, por exemplo, que persistem até janeiro de 1996, quando sai seu último número, o 18 - há qualquer referência ao funcionamento do Conselho Editorial. No *Projeto*, afirma-se:

“Ter pauta própria sem a existência de uma estrutura democrática de funcionamento é reproduzir o modelo de imprensa tradicional. Uma das formas para exercer essa democracia é através do Conselho Editorial - conforme deliberação do 5º Congresso - que são trabalhadores eleitos em assembléia pelo voto secreto dos interessados. Caberá ao CE a função de traçar, periodicamente, a linha geral das publicações, sugerir pauta e avaliar a nossa comunicação. Os mecanismos de funcionamento devem estar amarrados em um estatuto amplamente discutido pela categoria”.

Para assegurar maior participação dos trabalhadores na elaboração direta da *Tribuna* o Projeto prevê a criação do repórter amador, ou repórter-peão: fundamentalmente, seria uma estrutura de colaboradores nas fábricas em que a organização é mais consolidada, com comissões de fábrica, CIPAs atuantes, ativistas, delegados sindicais. Esse repórter amador receberia formação para capacitá-lo a coletar informações. Essa formação se daria em duas etapas: através de convênio com uma universidade e na própria redação do Sindicato. Essa capacitação permitiria não apenas “agilizar o fluxo de informações entre fábrica e redação”, como também produzir integralmente seus jornais e boletins, entrar em contato com jornalistas da imprensa diária com maior facilidade.

No que se refere ao aproveitamento das notícias assim elaboradas, o *Projeto* faz uma advertência: “Atenção - Qualquer medida a se tomar após a comunicação do repórter amador [à *Tribuna*] só será efetivada com discussão política com a diretoria do Sindicato”. A restrição da publicação de informações que não tenham coerência com a linha editorial definida pela diretoria torna-se, portanto, evidente, o que fica claro também nas restrições quanto a eventuais alterações na linha editorial das publicações em geral: a centralização das decisões se mantém, mesmo no esquema do repórter amador. Mas tal esquema - que não chegou a se efetivar - permitiria ao menos a capacitação de trabalhadores para produzir seus próprios jornais e boletins, assim como criaria de fato um vínculo mais estreito entre redação e trabalhadores da base.

Algumas iniciativas tiveram mais o cunho de apenas formalizar uma dinâmica democrática, como reconhece Celso Horta:

“Há uma preocupação de fazer com que eles tenham domínio sobre a comunicação... Nós estamos tentando também é trazer, é ter mesmo uma estrutura de correspondentes nas fábricas. Nós estamos trabalhando também nessa direção porque é também um passo no sentido de democratizar um pouco o funcionamento da Tribuna... Com duas mil empresas na base, nós não temos condição, nós temos quatro repórteres aqui, quatro profissionais trabalhando, não tem condição de saber o que acontece em todas, e tem que valorizar o que tá acontecendo e tal. Nós temos uma pauta semanal que a gente manda pra todas as comissões de fábrica... Hoje na prática é muito mais uma formalidade que nós cumprimos no sentido de mostrar que a Tribuna funciona democraticamente, quer dizer, antes da Tribuna ter saído, essa pauta, eles sabem, quem se interessar na fábrica vai estar sabendo do que que a Tribuna vai estar falando, tá

Sindicato do ABC cede à comunicação conservadora

tendo a oportunidade de dar o retorno. Isso não tá existindo hoje, isso na verdade é uma formalidade. No dia que nós tivermos realmente estrutura em condições de estar funcionando essa pauta vai ser a forma de comunicar com ele, de levar de nós pra lá, a volta é que precisa ser uma coisa a ser elaborada ainda. A partir dessa pauta que a gente faz semanalmente, a gente produz a Tribuna aqui”.

Participam da pauta, às sextas-feiras, os jornalistas e, às vezes, o diretor responsável pela Comunicação. Como o assessor de imprensa trabalhava na sede (o setor de imprensa fica em prédio próximo), com o presidente, ele acabava fazendo o papel de elo mais direto entre a diretoria e os jornalistas responsáveis pela *Tribuna*, e na prática era o editor-chefe das publicações do Sindicato, como já previsto quando da elaboração do *Projeto Imprensa*.

A estrutura apontada no *Projeto Imprensa* não foi avante: não percebemos, em informações obtidas com diversos funcionários e diretores do Sindicato, e mesmo com os representantes de *todas* as Comissões de Fábrica (CFs) de São Bernardo, qualquer referência à montagem dessa estrutura de correspondentes. Ao contrário, sequer a pauta semanal continua sendo enviada às CFs. O esquema de transmissão de notícias continua sendo idêntico ao descrito por Celso Horta. Isso, é evidente, permite o “filtro” das notícias de interesse da diretoria, que tenham coerência com o projeto político editorial da entidade. O *Projeto Imprensa* se diferenciava dessa lógica, fazia uma defesa da “não censura” - o que equivale quase ao reconhecimento de que tais restrições são, efetivamente, uma coerção comunicativa.

OMISSÃO E CENSURA, CREDIBILIDADE AMEAÇADA

Ao se referir à linguagem na imprensa sindical, o texto não faz referência direta à *Tribuna*; tampouco faz sua exclusão, o que permite dupla leitura, uma crítica à imprensa sindical em geral e também uma autocrítica. O documento assevera que a linguagem deve ser “simples, direta e correta”, mas exige alguns “reparos”. Um deles é o que o texto denomina “omissão e censura”:

“Em nome de uma linha política ou com o argumento da proteção dos interesses da categoria, pratica-se a censura e omite-se informações na imprensa sindical. Essa prática desrespeita o direito à informação dos trabalhadores e avilta o trabalho do jornalista. A censura é um dos instrumentos de controle do poder dominante. É

através dela que a burguesia, em menor ou maior grau, exerce o controle social para manter a sua hegemonia”.

Em outro momento (“Credibilidade”) a autocrítica é mais clara: “Os jornais sindicais não têm a credibilidade necessária para quem os lê. Os trabalhadores desconfiam das nossas informações. Não é para menos. A imprensa sindical não trabalha com dados reais. Há muita manipulação. O ufanismo em nossa linguagem tira a credibilidade. Muitas vezes noticiamos o comparecimento de ‘milhares’ de trabalhadores na assembléia quando, na verdade, compareceram apenas 200 pessoas. Quem compareceu na assembléia viu e notou o exagero. Toda publicação precisa ter credibilidade junto ao público leitor. A proposta é produzir um jornal sério, sem ufanismos, mentiras, omissão e censura”.

Em várias entrevistas que fizemos com representantes de CF, e em outras passagens do próprio *Projeto Imprensa*, encontramos a defesa de um controle das informações, justamente com base na defesa dos interesses da categoria, ou para se manter a coerência com as orientações da CUT. A centralização e o controle mantêm-se, assim, como característica da comunicação do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em que pese a defesa do contrário - e mesmo algumas iniciativas nesse sentido - por parte de alguns dos profissionais nela envolvidos, e do documento em debate. Se fizermos um paralelo entre essas características da comunicação sindical, aqui percebidas, a profissionalização dos quadros dirigentes da CUT e a institucionalização dos sindicatos, tais iniciativas se afastam cada vez mais da comunicação horizontal e interativa, e se aproximam muito de atividades tipicamente inseridas na ordem institucional comum a entidades e empresas em geral.

Outro problema apontado no *Projeto Imprensa* - e ainda hoje constatado nas entrevistas e visitas que fizemos a empresas - é a distribuição, reconhecidamente “precária, mecânica e despolitizada”:

“As nossas publicações têm uma distribuição amadora... a falha na distribuição acarreta prejuízo incalculável para o Sindicato... Ela é mecânica na maioria das fábricas... À exceção de algumas empresas, os jornais são deixados em algumas caixinhas, num ponto qualquer da fábrica, sem que haja discussão do que está sendo noticiado na publicação ou até mesmo da polêmica que porventura possa surgir... há companheiros que só distribuem os materiais quando estes trazem notícias de sua área ou de uma determinada fábrica. Isso é um erro gritante. Primeiro, porque criamos o corporativismo dentro do corporativismo. Segundo, porque essa prática de

Sindicato do ABC cede à comunicação conservadora

loteamento nos leva ao atraso. Ignora os assuntos gerais da categoria, da classe, do País e do mundo... Para completar, o Departamento de Imprensa não tem o retorno da aceitação do jornal nas fábricas”.

Para dinamizar a atividade de comunicação, o *Projeto Imprensa* faz diversas propostas. Uma delas é criar uma *Tribuna* específica para Diadema² ou seja, paulatinamente, produzir publicações mais próximas dos trabalhadores (“conforme experiência já adotada em 86, quando soltávamos edições diferenciadas da *Tribuna*, com a mesma frente [1ª página] para SBC e Diadema, mas versões diferentes para as duas cidades”). Haveria jornalista na sub-sede de Diadema, além de investimento em infra-estrutura, com o objetivo de “contribuir para uma ação sindical (e também de comunicação) dirigida às pequenas empresas”.

Tal experiência não era mais relatada em 1997 - ao contrário, nas entrevistas com representantes de CFs das empresas pequenas houve queixas no sentido de a *Tribuna* priorizar em especial as montadoras. Um episódio, em particular - a tentativa de se criar um outro sindicato, com base em Diadema, feita em 1997 -, permite vislumbrar a necessidade de um trabalho sindical (e, portanto, também especificamente de comunicação) mais próximo das empresas dessa cidade.

A importância da revista *Ligação*, no *Projeto*, era primordial, pois tratava-se de veículo diferenciado:

“Se a gente conseguir manter uma qualidade editorial pra uma revista como essa, trimestral, eu acho que nós temos aqui um produto de comunicação importante, que é capaz de ficar na casa, na cabeceira do peão durante três meses... essa edição aqui que fala da Rússia, tá na cara que é um tema de formação, não é um tema agitativo, pelo contrário, é um assunto que hoje os sindicalistas acham difícil essencialmente de informar. A gente vive dizendo que o trabalhador não tem acesso a essa informação, que é uma informação que pode estar até na Veja, na Isto É, mas não tá na Globo. Ou, se está na Globo, é apenas aquele lado que interessa aos monopólios de comunicação. E aqui não, aqui você tem os dois lados, não estamos recontando a História da Rússia, nós estamos contando que o Império soviético desmoronou... a idéia é fazer o trabalhador pensar nessas coisas. Essa preocupação existe no geral na diretoria e eles estão sustentando essa linha editorial, e é uma coisa revolucionária”.

Havia, no entanto, oposição: “A posição que a gente adotou aqui é uma posição que dentro da diretoria do sindicato é majoritária... já existem alguns focos de oposição a isso, mas eles não são significativos, causam alguma dificuldade e tal, mas a gente, com um pouco de flexibilidade, etcétera, vai levando”.

O *Projeto Imprensa* previa que se desse continuidade à TV dos Trabalhadores - a TVT, que surgiu em meados de 1986 no próprio Sindicato, e fosse criada uma rádio. Apontava, ainda, para a reorganização do Departamento TVT, com a produção de jornais semanais, jornais para veiculação através do caminhão-telão, além de resenhas mensais. E pretendia-se integrar as diversas iniciativas de comunicação.

No entanto, a rádio esbarrou em questões legais - apesar do discurso de Vicentinho, radical, em seu favor -, o projeto da TVT esbarrou na limitação dos recursos a ele destinados e a revista foi interrompida definitivamente no número 18, em janeiro de 1996, em função da crise financeira do Sindicato, depois de tentar obter, sem sucesso, anúncios com grandes empresas da região para se auto-sustentar.

Um dos temas abordados por Celso Horta foi o nível de leitura da *Tribuna*. Celso afirma: “Cerca de 100 mil [trabalhadores] lêem a *Tribuna*, ela tem uma tiragem de 50 mil exemplares mas tem a história da repetição do leitor... Ela se multiplica um pouco. Além do que você tem os familiares...”. A tiragem atual mantém-se praticamente a mesma - segundo informações do setor gráfico do Sindicato. Mas varia, de maneira a ser difícil estabelecer uma média. Quando a diretoria quer fazer trabalho mais intenso sobre alguma questão, aumenta a tiragem. Vale lembrar que não há nenhum dado mais preciso sobre a multiplicação de leitura da *Tribuna*, e que Celso Horta não comentou a possibilidade - que foi destacada em entrevistas que fizemos com representantes de Comissões de Fábrica de diversas empresas - de muitos exemplares serem deixados de lado.

A PROFISSIONALIZAÇÃO

Celso destaca que o processo de profissionalização da área de comunicação do Sindicato “é bem demorado e a coisa é paulatina”, algumas iniciativas foram coisa “daquela época do auge, quando não havia profissionalismo da imprensa sindical, a *Tribuna* era mensal, era uma *Tribuna Metalúrgica* mensal, depois ela começa a conviver com a diária, com a diária naquele esquema de recortagem de jornal”.

Sindicato do ABC cede à comunicação conservadora

“Talvez os sindicalistas, a CUT, os sindicatos, já perceberam que no momento que nós vivemos hoje em que a maior parte da informação massifica, etcétera, não basta mais você sair fazendo jornaizinhos, alguns panfletos querendo jogar no contra-fluxo; tentar fazer isso reverter, é preciso fazer um trabalho muito mais sério de comunicação, um trabalho muito mais de informação, pra que realmente se consiga reverter isso... já estamos trabalhando com essa idéia de que a qualidade visual, a qualidade gráfica, a qualidade formal da publicação precisa ser excelente se você quiser ser lido”.

“Você vai informar para formar... Hoje nós vivemos um momento diferente, aí na era Collor entramos em decadência, a indústria entrou em declínio, em recessão, e hoje a mobilização do trabalhador é uma coisa mais difícil, precisa ser muito mais bem fundamentada, e se desenvolver de uma forma qualitativa, então vamos continuar formando, levando aos trabalhadores uma proposta de vida combatida, petista, militante, revolucionária mesmo, mas não apenas com as formas que se tinha antigamente, que era a forma de apelar para panfletos, apelar para a consciência, para a mobilização dos trabalhadores sem fundamentar. Nós estamos sentindo necessidade de fundamentar. Então, a informação, se você pegar a Tribuna do ano passado, você vai ver que a quantidade de informação que tinha na Tribuna era bem menor que a quantidade de informação que você tem hoje, de informação no sentido que havia muito mais panfleto do que há hoje. E você vai sentir também o perfil dos profissionais que estão fazendo a imprensa hoje”.

A questão do perfil dos profissionais merece atenção especial:

“Quando eu vim para cá para desenvolver esse projeto uma das propostas que eu fiz foi também aumentar a equipe, tentar dar um perfil diferente aqui, para não repetir o tipo de profissional que já estava acostumado com aquele tipo de imprensa que o sindicalismo formou nesses anos todos. Na minha opinião, e é o que mostra essa pesquisa, a gente vai ver, algumas introduções que eu fiz aí na estrutura da nossa comunicação, a gente vai ver que o entrevistado, cerca de 200 trabalhadores, respondeu a essa pesquisa, eles estão aplaudindo. Quer dizer, a idéia de ter uma coluna de serviços na Tribuna, a gente imaginar que um textinho desse tamanho que é pequenininho, corpô, de corpo dez, às vezes até de nove, mas a

gente tá pensado o seguinte, dependendo do conteúdo disso você faz o trabalhador ler... Atender interesses específicos para a mulher, a mulher metalúrgica, vai ler, a gente vai ganhar o leitor com a publicação. Nós trouxemos para a Tribuna até uma seção de lazer, que é uma seção que está se consolidando também, é uma coisa que com toda a visão de Tribuna de imprensa sindical, nós temos até hoje diretores dentro da diretoria, que é uma coisa isolada, mas tem diretor que não gosta disso, que acha que tá errado, que nós não podemos ter a coluna de lazer na Tribuna”.

“O preconceito que existe, com relação a que a comunicação tem que ser aquela coisa dirigida, concreta, em cima do problema específico, da luta, do apelo à mobilização... Se você ficar falando assim dessa forma, você vai ficar falando sozinho... com uma coluna dessas você ganha o leitor, ele vai, pega o jornal e bota no bolso pra mostrar pra mulher”.

COMENTÁRIOS FINAIS

Entre a proposta defendida no *Projeto Imprensa* e a realidade encontrada em 1997 a distância é enorme. A crise financeira decorrente do desemprego maciço levou a cortes drásticos em quase todos os sindicatos. Mantida a *Tribuna* diária, não havia mais o *Tribunão*. A *Ligação* acabou. Os jornais de CFs e CIPAs foram reduzidos, assim como as demais publicações de apoio.

Houve, no entanto, uma mudança na própria política de comunicação, questão da qual muitas vezes se parece querer fugir: aspectos básicos ressaltados no *Projeto Imprensa* são totalmente deixados de lado e muitos deles dificilmente exigiriam investimentos altos, como a capacitação de trabalhadores para produzirem seus próprios jornais, ou a abertura das decisões do jornal aos trabalhadores, ponto-chave na política gestada no período coordenado por Celso Horta. A autocrítica permanente e radical cede lugar a um conformismo à dinâmica adotada na grande imprensa, centralizada, autoritária, justificada como característica de profissionalismo, que teria tomado o lugar de um antigo “amadorismo”. Ou seja, as tentativas de mudar a estrutura, de vertical para horizontal, são identificadas como idealistas ou amadorísticas.

Essa mudança de política se expressa, ainda, quando verificamos que, enquanto o Congresso dos Metalúrgicos de 1987 dedicava importante espaço

Sindicato do ABC cede à comunicação conservadora

para as questões relativas à comunicação, recomendava a produção de uma revista (a *Ligação*) acompanhada de um Conselho Editorial, o Congresso de 1997, em suas resoluções, não traz absolutamente nenhuma palavra sobre tais iniciativas. A comunicação, que no *Projeto Imprensa* era tratada de forma estratégica, priorizada, politizada, a ser discutida com os trabalhadores, simplesmente desaparece das discussões. Como Departamento subordinado diretamente à Diretoria, parece dever satisfações estritamente a ela e não mais à categoria. O que justifica seu desaparecimento: à Diretoria cabe tomar tais decisões, e ao elegê-la a categoria também concederia legitimidade para que ela definisse essa - assim como muitas outras - questão fundamental para o cotidiano de uma das principais entidades dos trabalhadores do País. A democracia direta cede lugar à legitimidade dos representantes, os quais se outorgam tais direitos e pouca ou nenhuma discussão encaminham sobre tais temas.

NOTAS

- ⁽¹⁾ Tese defendida em 1998, intitulada *A comunicação conservadora dos Metalúrgicos do ABC*. Fuser, Bruno. São Paulo: ECA/USP, 1998 [mimeo].
- ⁽²⁾ As pesquisas sobre comunicação sindical no Cebela - Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, e, depois, no Celacc - Centro Latino-Americano sobre Cultura e Comunicação, sob coordenação de Maria Nazareth Ferreira, resultaram em diversas teses e livros. Ver, em especial, Ferreira, Maria Nazareth (org.). *O impasse da comunicação sindical: de processo interativo a transmissora de mensagens*. São Paulo: Cebela, 1985.
- ⁽³⁾ Ver, sobre esse tema, em especial, Momesso, Sebastião. "A globalização da economia e a comunicação sindical". Em Ferreira, M. N., *op. cit.*, pp.36-59.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERREIRA, Maria Nazareth (org.). *O impasse da comunicação sindical: de processo interativo a transmissora de mensagens*. São Paulo: Cebela, 1985.
- FUSER, Bruno. *A comunicação conservadora dos Metalúrgicos do ABC*. São Paulo: ECA/USP, 1998 [mimeo].
- MOMESSO, Sebastião. "*A globalização da economia e a comunicação sindical*". Em Ferreira, M. N., *op. cit.*: 36-59.
- SINDICATO dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema. *Projeto Imprensa*. São Bernardo, 1990. [mimeo].